
o AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.

ORID. MET. IV.

DOMINGO 4 DE JULHO DE 1850.

ARTIGO COMMUNICADO:

O que é um Passaporte? Me perguntou, há poucos dias, um estrangeiro. Esta pergunta me fez reflexionar um pouco; e o que então reflexionei é o que agora escrevo. Um de dous fins se quer conseguir com o Passaporte: ou se quer acautelar a passagem de algum ómem, ou se quer perceber certa quantia de dinheiro. Por este lado, o Passaporte é o tributo mais oneroso, que se póde conhecer; porque, quantas vezes o triste viandante se vê obrigado a demorar a sua viagem por causa do tal Passaporte? O escrivão não o quer passar agora; o juiz não está em caza para o assignar, e outros mil inconvenientes. Olhado pelo outro lado, isto é como cautela, (que é o lado, por que se quer olhar,) nada há mais inutil, nem mais nocivo. Nada há mais inutil, porque ainda até hoje não houve um só criminoso, que deixasse de se evadir por falta de Passaporte. Nada há mais nocivo pelos seus effeitos. Ou o Passaporte é para

entrada, ou para sahida de qualquer Estado, ou de uma parte de um Estado para outra parte do mesmo Estado. Se o Passaporte é de entrada, qual é a Nação, que se não envergonharia hoje de negar entrada em seu seio, e prestar asylo a qualquer ómem, que seja? Se é de sahida, é hoje um principio reconhecido que cada qual se deve poder transportar para onde melhor lhe convier. Mas póde ser um delinquente, um facinoroso, um réo de Leza-Nação. Feliz, mil vezes feliz a Nação, em que os malvados quizessem sahir de seu seio! Além disto, como já observei, nunca por falta de Passaporte deixou o criminoso de se evadir? Se o Passaporte é de uma parte de um Estado para outra parte do mesmo Estado, para que são as authoridades encarregadas de vigiar na segurança publica? Ou o passageiro é innocente ou culpado. Se innocente, não deve ser obstado em sua viagem: se culpado, promptas communicações e avisos a todas as authoridades são os melhores Passaportes. Boas leis, e bem executadas: é esta a chave da segurança interna.

O tal estrangeiro, de que acima fallei, me asseverou haver paizes no mundo, onde não há Passaportes: e é justamente, segundo elle diz, onde se vive com mais segurança. Elle é ómem de honra; não mentiria facilmente; e eu, pela minha parte, lhe dou todo o credito, o que tambem não é para admirar, pois que a minha theoria se acha conforme com a sua pratica. Se pois o Passaporte é como cautela, temos visto que nada aproveita: se é como tributo, então lembremos aos nossos Legisladores, que estabelção outro meio para sua percepção. Haja Registos nas estradas, e nas barras; haja barreiras

nas povoações ; haja o que quizerem : mas , com tanto que o passageiro não seja obrigado a perder muitas vezes a sua jornada por uma formalidade , d'onde não resulta proveito algum. Se é para evitar a fuga dos delinquentes , não se fação padecer milhares de innocentes. Não há lado algum , por onde elles não possam ser atacados. Roguemos , pois , a esses Legisladores , que tanta reforma útil tem feito , que fação tambem esta ; que nos aliviem d'este pezo enorme. Eu nada conheço mais irrosorio , para dizer tudo de uma vez , do que é dizerem-me que sou livre , e não me deixarem fazer cinco leguas de caminho , sem licença das authoridades. Haja de facto o que há de direito.



AS INVECTIVAS , QUE E' MODA PROFERIR CONTRA A PHILOSOPHIA E A RAZÃO , CONCORREM MUITO PARA PROVAR O ESPIRITO DO DESPOTISMO.

Aquelles , que devem todã a sua preeminenciã ao merecimento de seus antepassados , ou a acontecimentos accidentaes , que constituem uma fortuna independente , de ordinario desejão firmar um estandarte de dignidade , bem differente do merito real , e não se poupão a trabalho e fim de deprimir as qualidades pessoas ; todas essas qualidades , que de facto se tornão recommendaveis , por isso que sem talentos e virtudes não pódem existir. No seu conceito , o nascimento e as riquezas , a moda e os titulos , são muito mais honrosos e apreciaveis do que a profunda sagacidade e a admiravel sciencia de Newton. Es-

tes ómens avalião a Newton mais por elle ser cavalleiro do que philosopho ; mais pelo titulo , com que a rainha Anna o condecorára , do que pelos dons , que recebêra da Natureza , e que com seus meritorios esforços aperfeiçoára.

Firmados n'este principio , existem hoje muitos ómens , que , desejando estender e engrandecer o poder , de cuja arbitraria liberalidade derivão todas as honrãs , que se julgão *dignos* de adquirir , forcejão por pintar com odiosas côres a Philosophia. Não cremos , na verdade , que elles saibão a verdadeira significação da palavra ; mas , é certo que sabem que ella exprime um merecimento , que não deriva dos principes , e isto basta para quererem deprimilla. A fonte da honra , pensão elles , não tem semelhança alguma , quer na sua natureza , quer na sua efficacia , com as celebradas fontes do Parnaso : d'ella se não recebe outra inspiração , além da que se ostenta na atrevida magnificencia do orgulho.

O seculo presente tem ouvido ómens , metamorphosados em nobres de um dia para o outro , dar aos philosophos o ignonimioso appellido de miseraveis atrevidos , e malvados. Ómens , que fazem consistir todo o seu merecimento em distinguir-se e brilhar muito n'uma salla de baile , atrevem-se a proferir contra a Philosophia , e os philosophos , expressões de odio e desprezo devidas só a salteadores e assassinos , os quaes são propriamente o opprobrio e o refugio da Especie Humana.

Somos naturalmente movidos a investigar a causa de tanto fâncor , e a perguntar como é que a Philosophia mereced ser assim maltratada pela linguagem da grande-

za artificial. Este resentimento contra a Philosophia é proferido com enfado, e uma acrimonia tal, que evidentemente prova o ser ella procedida do sentimento da dôr, causada por uma chaga profunda. Mas, como pôde o orgulho ser tão mortalmente ferido pela Philosophia? Elle tem sido exposto, e apresentado ao Genero Humano em toda a sua nudez. A Philosophia nunca perde de vista o fiel da balança, e rejeita toda a moeda, que falta ao peso. A Philosophia recorre sempre á pedra de toque, e deita óra a moeda falsa. Eis o motivo do odio, que á Philosophia declarou o espirito do despotismo; e se proclamações, e canhões podessem destrui-la, fôra inevitavel e eterna a sua perdição. “ Não, não haja luz, a fim de se não conhecer as minhas côres nem o meu ouropel, ” altamente clama a Loucura. Mas felizmente, a ordem da Loucura, apesar de ser intimada em tom imperioso e arrogante, não é o *fiat* da Omnipotencia. A Philosophia sobrevive ao terrivel anathema; e sustentando-se com firmeza na rocha da verdade, zomba da artilharia dos despostos confederados.

Longe de ser digna de desprezo, é a Philosophia a gloria da Especie Humana. Sem o soccorro da Philosophia, o Genero Humano, espalhado por todo o globo terraqueo, sepultar-se-hia na escravidão e superstição, consequencias necessarias da crassa ignorancia. O'mens da classe mais infima da sociedade, por effeito de seus talentos naturaes, e favorecidos pela occasião, tem chegado a fazer os maiores progressos na Philosophia; e assim erguêrão no valle um facho, que pôz patente a fraqueza e a deformidade do castello situado na montanha, d'onde na escuridão das trévas, sahião os oppres-

sores, assolando com impunidade, e commettendo estragos. Os despotas, que são os entes mais infimos, mais vis, mais brutaes e ignorantes da Raça Humana, afloutamente calcarião aos pés os direitos e a felicidade dos ómens, se a *Philosophia* não abrisse os olhos aos soffredores, mostrando-lhes o seu poder e a sua dignidade, e ensinando-os a desprezar esses gigantes do poder, que, a favor das nevoas da ignorancia, governayão o mundo escravizado com uma vara do ferro. A *Liberdade* é filha da *Philosophia*; e aquelles, que aborrecem a progenie, fazem todos os esforços por aviltar e ridicularisar a progenitora.

Porém, vejamos com socego qual será o fim d'esta *Philosophia*, tão formidavel aos olhos dos que supersticiosamente vivem afferrados a antigos abusos, odêão toda a casta de progressos, e querem sujeitar a multidão á caprichosa e arbitraria vontade de um numero limitado. A *Philosophia* consagra todos os seus desvelos á investigação do Bem e da Verdade. Ella lança suas penetrantes vistas sobre o orbe todo, accusa o erro e a maldade, e offerece meios de melhoramento. Um só momento ella não deixa de meditar no modo de melhorar o Intrincado estado dos negocios humanos, sempre sujeitos á decadencia e ao abuso. Ella não tem em vista destruir senão o que é prejudicial. Construir, reparar, fortificar, e polir, eis os trabalhos, que muito lhe apraz projectar; e é para descobrir o methodo mais efficaz de pôr estes planos em execução, que ella medita no silencio do gabinete, e consagra á felicidade dos ómens momentos destinados ao repouso do corpo e do espirito. E como é que ella perturba os negocios humanos, se con-

tentando-se com a meditação, não desce á acção? Se não induz os outros a praticar o que ensina, recorrendo á arte da fallaz eloquencia? Ella procura todo o seu apoio na Razão; e sempre que não convence a Razão, tudo o que ella faz se destróe e desaparece como a têa de Arachne.

Se, pois, sabemos apreciar a liberdade da imprensa, e na verdade desejamos tributar ao talento e ás sciencias a devida estima, não prestemos ouvidos a esses *grandes ómens*, que destituídos de talento, e avessos ás sciencias, vociferão contra a Philosophia. Lembremo-nos sempre que foi um tyranno Romano, despido de todos os títulos da dignidade humana, (quando aprouve á Proydencia consentir que monstros taes mostrassem ao mundo a deformidade do despotismo,) quem quiz extinguir a luz das sciencias, destruindo as mais bellas producções do genio. Ainda hoje existem ómens, que manifestão todas as propensões de um Caligula; fica ao cuidado do povo o fazer com que elles nunca possuão o poder, que elle teve.

DR. VICESIMUS KNOX. *O Espirito do Despotismo,*



PERGUNTAS.

Porque é que os ómens, para alcançar a felicidade, seguem tantas e tão falsas estradas, que d'ella os desviam, sabendo quasi todos que é um só o caminho, que a ella conduz?

A philosophia e a religião mostram-lhes que só podem ser felizes por meio da virtude, mas elles a rejeitam; por meio da moderação, elles a desprezam; por meio da justiça, elles a temem; amando ao proximo, e elles não cuidão senão em destruir-se uns aos outros.

Todos reconhecem a verdade dos princípios, ninguem os segue. D'onde procede esta inconsequencia senão da pouca harmonia, que existe entre as palavras e os pensamentos? E não resolveria *D'Alembert* este enigma, quando disse que “se o genero humano vive em perpetua discordia, é por falta de boas definições?”

Com effeito, se os ómens concordassem todos n'uma definição exacta das palavras, alma, liberdade, justiça, honra, deveres, direitos e felicidade, farião desapparecer a maior parte das causas, que os dividem e desencaminhão.

Por que é que a honra varia segundo os tempos, os lugares, e as formas do governo? Não será a honra um sentimento e não um principio? E não poderemos dizer, que ella está para com a virtude na razão directa da equidade para com a justiça? Mas, se os ómens nunca, e em parte nem uma, concordão no verdadeiro sentido das palavras virtude e justiça, como é que hão-de estar de acordo a respeito da honra?

A virtude do christão abomina a vingança; a virtude do guerreiro não póde supportar o ultrage. A honra d'aquelle manda-lhe recompensar o mal com o bem; consiste a honra d'este em matar seu amigo por uma só palavra.

Há paizes , onde falta á honra aquelle , que dentro em vinte e quatro horas , não paga a um velhaco uma dívida contrahida ao jogo ; e onde sem faltar á honra , se póde fazer penar annos e mais annos honrados credores.

Como , n'um mesmo paiz , combinar a honra das mulheres , a qual consiste em não violar sua fé , seu juramento , com a dos ómens , que fazem consistir a sua gloria em roubar a honra ás mulheres ?

Porque é que na historia dos ómens , encarregados de governar os povos , se acha tão avultado numero de conquistadores ? E' por que são incensados e quasi adorados por suas victimas , e coroados de louros immortaes pelos historiadores. Como hão-de elles resistir ao atractivo do poder durante a vida , e da celebridade depois da morte ?

Quasi sempre são os povos culpados dos males , que soffrem , e á maneira dos selvagens , divinisaão aquillo , que temem ; elles desprezão a virtude pacifica , que lhes proporcionaria a felicidade , e incensão o luxo , que os arruina , o poder , que os esmaga , e o genio guerreiro , que os destróe.

Por que é que os cortezãos e os ómens de letras não deixão um só momento de dizer mal uns dos outros ? Não será por vaidade ? Uns não pódem soffrer a superioridade da dignidade , e os outros a do talento. Devêrão ser menos parciaes , por isso que empregão os mesmos meios ; para se adiantarem , estes no Parnaso ; e aquelles na cõrte , não cessão de adular seus protectores , e maltratar seus rivaes.

Por que é que ajuizamos tão mal das acções dos outros? E' por que as encaramos do nosso lugar, em vez de nos collocarmos no lugar da pessoa, ácerca de quem interponemos o nosso juizo.

Por que é que os ómens desconfiados raras vezes são bons e honrados? E' por que todos nós não damos aos outros senão aquillo, que temos; imaginamos sempre achar no coração dos outros o que se passa no nosso.

Aquelle, que tão facilmente prevê os crimes, não está talvez longe de commettêllos.

Poucos rabulistas crêm na franqueza; poucas nomeadeiras no pudor; poucos tyrannos na virtude.

Quereis saber quaes as qualidades, que faltão a qualquer ómem? Examinai as de que elle mais se gaba.

O CONDE DE SE'GUR. *Galerie Morale et Potitique.*

AS MULHERES.

Os ómens e as mulheres raras vezes concordão no mérito de uma mulher; são mui oppostos seus interesses. As mesmas graças, que as tornão amaveis aos olhos dos ómens são a causa de se aborrecerem umas ás outras: por quantos modos inspirão áquelles as grandes paixões, por esses mesmos promovem ellas entre si a aversão e a antipathia.

Algumas donzellas não conhecem bem o valor das vantagens naturaes, nem quão util lhes fôra conservallas em toda a sua simplicidade. Ellas offendem esses dons celestes, tão raros e tão frageis, com modos affectados, e uma feia imitação. Ellas alterão o som natural da sua voz, e estudão o modo de andar; enfeitão-se muito, continuamente estão mudando de enfeites, e consultão o espelho para se certificarem de ter bem desfigurado suas graças naturaes: não é sem trabalho que conseguem agradar menos.

A julgar d'esta mulher pela sua belleza, pela sua mocidade, pela sua arrogancia, por seus desdens, ninguém há que não pense que só um heroe poderá ter a ventura de agradar-lhe. Mas, em quem recae a sua escolha? N'um ómem horrendo de cara, mal feito de corpo, com pessimas qualidades, e para maior castigo falta de juizo!

A um ómem vão, indiscreto, grande fallador, e gracejador atrevido, que falla de si com ufania e dos outros com desprezo, impetuoso, activo, impudente, e destituido de costumes, probidade e juizo; nada mais falta, para ser idolatrado pelas mulheres, do que bonitas feições, e uma figura elegante.

As donzellas formosas estão sujeitas a vingar os amantes, que houverem maltratado, com maridos ou feios, ou velhos, ou indignos.

A vaidade, ou o amor tornão activas as mulheres perguiçosas: ao contrario a perguiça é nas mulheres activas o presagio do amor.

Mr. De La Bruyere.

ANECDOTAS.

Santeuil se tinha sentado um dia em um confessorio, talvez para meditar em alguma obra: uma mulher, julgando ser um confessor, se pôz de joelhos, e lhe contou toda a sua vida. A' medida que o poeta rosnava alguma cousa, a boa penitente, que pensava serem reprehensões, se dava pressa para acabar a sua confissão. Quando acabou, percebeo que o confessor não dizia cousa alguma: tomou pois o partido de lhe pedir a absolvição. "Por ventura eu sou padre?," lhe diz Santeuil. "Como!," diz a mulher admirada: e para que me escutastes vós? E para que me fallaste tu?" torna Santeuil. "Eu vou fazer queixa ao Prior," diz a mulher: "e eu a teu marido," respondeo Santeuil.

Bibliotheca do Campo.

Quando se propunha a D. João II., rei de Portugal, a imposição de algum tributo, respondia elle: "Vejam os primeiro se é preciso dinheiro.," Discussão este ponto, acrescentava: "Vejam agora se não há despezas superfluas.,"

Diccionario dos O'MENS ILLUSTRÉS.

S. PAULO: NA TYPOGRAPHIA DO FAROL PAULISTANO.